

O jovem e a memória de sua pele: Sobre a produção das próprias marcas¹

a. Introdução

Quero inicialmente registrar a boa ventura da escolha do nome dessa mesa redonda, onde as expressões *Memória da pele e produção de marcas*, por si só, já apontam para algumas das idéias, inspiradas pela psicanálise, que gostaria de apresentar esta noite.

Devemos ter em mente que a origem embrionária da pele (ectoderma) é a mesma do SNC², portanto falar em memória (atividade típica cerebral) da pele cabe perfeitamente e, o que nos interessa sobretudo, de uma memória que fica registrada para além da própria produção manifesta de marcas.

b. Uma leitura do corpo pela psicanálise

“existem ordens que estão longe do equilíbrio – e o corpo que temos é, seguramente, uma delas”.
(*Metamorfoses do Corpo – Sherrine N.Borges, 1995*)

Com a psicanálise o corpo humano ganha um novo estatuto de saber além do já conhecido *cabeça, tronco e membros* das ciências naturais, que acaba por criar uma verdadeira pedagogia. Pedagogia³ inventada por Freud e continuamente desenvolvida por seus seguidores.

¹Trabalho apresentado em 9 de maio na Exposição e mesa de debates no Centro Cultural da UERJ: O CORPO: As Marcas no contexto sócio-educativo, ocorrido na UERJ – RJ, de 6 a 9 de maio de 2002, sobre coordenação da Professora Eliana Rocha Oliveira, Mestre em Educação e Coordenadora adjunta do Programa de Cooperação Técnica UERJ/Degase.

² Um fenômeno de enorme relevância é o modo como se dá a formação topológica do SNC. ocorrido no curso da filogênese e recapitulado na ontogênese (fim da 4ª semana). Trata-se da formação do tubo neural, em cuja extremidade anterior desenvolver-se-á o cérebro. Pode ser observado em embriões dos vertebrados como o tubo neural se forma pelo processo de invaginação do ectoderma dorsal. (cf. Sampaio, L.S.C., 2001. A Lógica da Diferença. RJ: edUERJ, 37)

³ Pedagogia que no seu sentido lato e derivado do grego significa **viajem das crianças**. A infância como caminho incerto que exige coragem e desejo. (cf. Sherrine, 14)

Podemos pensar que com o tema proposto, e proposto a partir de uma *crua*⁴ realidade, estamos diante de uma problemática que remete obrigatoriamente a *educação do corpo*. E educar é *por para fora, é partir, sair*. Ou seja, sair do corpo (da mãe, da casa paterna, do próprio corpo em transformação – a exemplo de um casulo).

Então, convido aos ouvintes, imbuídos desse sentimento de educar, de partir, a nos aventurarmos numa viagem, não de adultos (do determinado), mas das crianças (viagem sem fim, imprevisível) através de uma *pedagogia* sempre inventada⁵, ou seja, encontrada no incerto, no não sabido.

Houve época na história da pesquisa psicanalítica em que se pensava possível as manifestações corporais (dor/prazer) serem inteiramente simbolizadas e portanto traduzidas pela linguagem. Ou seja, o corpo deixaria sempre registros no inconsciente simbólico. No entanto com o aprofundamento dos estudos em torno do conceito de pulsão, esses vão dando conta de que o sujeito possui conteúdos que permanecem na fronteira de um conhecido (registro simbólico) e de um ignorado (simbólico recalçado ou não simbolizado), que fica **além** de qualquer convenção esperada. (cf. Sherrine, 13)

Freud ao criar o termo “erogenicidade” que seria a capacidade de qualquer região do corpo ser fonte de excitação sexual, inclui no termo a capacidade dessas regiões enviarem estímulos sexuais à alma. Está criado então além do corpo representação o corpo libidinal, que vai permitir a emergência de sentidos não convencionados na história do sujeito. Se por um lado a corporeidade se inscreve no representável, por outro se define apenas pela força corpo do impensável.

Um dos conceitos centrais da psicanálise, o conceito de pulsão, cabe aqui neste momento, pois a medida que aponta para a exigência de constante trabalho desde o interior do corpo (endossomático) imposta ao nosso psiquismo, torna-se uma espécie de entidade (como o deus mensageiro Hermes) de comunicação entre natureza e cultura, onde o psiquismo vai sendo construído pela transformação simbólica da pulsão, que não se ordena automaticamente, sendo necessários a presença e o suporte do outro para que vá se processando esta transposição. O nascimento do sujeito que se realiza **entre** (trabalho da pulsão) o estatuto do corpo e o do psiquismo, depende da mediação do outro, que aqui

⁴ Que remete ao Adj. ‘cruel, feroz’. Remete também a palavra **crueidade** em sua ascendência latina, isto é, a uma necessária história de sangue derramado ,de crime de sangue, dos laços de sangue (*cruor, crudus, crudelitas*). (cf, Derrida, Jacques.,2001. Estados-da-alma da psicanálise, 6).

⁵ Inventar. Do lat. tardio *inventare*, interativo de *invenire que nos remete também a encontrar*

funciona como terceiro (sempre temporário) que permite a viagem pedagógica da existência.

Então, como iremos ver, qualquer intervenção de pró-cura sobre o corpo depende menos do ato manifesto da cura (ideal de sanar) do que permitir o lugar de existir desse corpo, que não se estabelece por formalidades, mas pela radicalidade de sua singularidade (corpo pulsional).

Ainda dentro desse território do conceito de pulsão, cabe para nossa melhor compreensão do fenômeno da *produção de marcas*, sobretudo as cruentas, a formulação de Freud da pulsão de morte. Pulsão não representável, silenciosa, que é a expressão mais extrema do que dissemos anteriormente no sentido de algo que se processa no corpo fora da ordem do registro.

Pulsão de morte (Tanatos) que só se deixa saber a partir de suas relações com a pulsão de vida (Eros), onde a compulsão à repetição, a agressividade destrutiva, a viscosidade da libido que não flui, e, sobretudo, uma resistência à cura (à pró-cura), portanto, resistência ao outro, são as notas sombrias.

Para que o sujeito possa empreender sua pedagogia (viagem de crescimento, de vida) é necessário que o mesmo possa se dar conta de sua singularidade corpo, tarefa para qual deverá contar com o fundamental auxílio de uma adequada educação.

A psicanálise portanto re-descobre o corpo humano⁶ além do biológico e lega para cada um de nós o tesouro-fardo da nossa singularidade enigmática, engavetada, que nos obriga a um aprendizado que foge a qualquer esquema de formalidade determinada, e que, de modo rico inclui radicalmente o outro.

A pedagogia freudiana propõe que o aprendizado se faz por meio dessa viagem ao outro, onde o sujeito se des-cobre. Portanto o corpo desvendado pela psicanálise é plural, é corpos, onde não seria um erro de gramática falar “*meu corpos*”. Valorizando esse elemento de mistura Michel Serres nos fala de um *corpo cruzado*⁷, onde há sempre um lugar de mestiçagem a ser preenchido pelo outro. Corpo plural onde importa saber quem dentro de nós se expressa. Quem fala, de onde, por que e para que? **Quem, portanto, se manifesta através dessas marcas?**

⁶ . Cito o genial *Salvador Dalí* que precisou mais tarde que “ LA ÚNICA DIFERENCIA ENTRE LA GRECIA INMORTAL Y LA ÉPOCA CONTEMPORÁNEA ES SIGMUND FREUD, **DESCUBRIDOR DEL CUERPO HUMANO**, QUE ERA PURAMENTE NEOPLATÓNICO EN LA ÉPOCA DE LOS GRIEGOS Y HOY DÍA ESTÁ LLENO DE CAJONES SECRETOS QUE SÓLO EL PSICOANÁLISIS ES CAPAZ DE ABRIR.” (grifos do autor)

⁷ Serres, M., 1993. *Filosofia Mestiça*. RJ: Nova Fronteira.

1) – As marcas e o Corpo Representação

Como já foi dito o emergir da psicanálise irá **descobrir** o corpo, que uma vez mais *descoberto*, mais desnudo, permite que se constate que o mesmo é também um corpo representado, e que portanto, alberga um saber sobre si mesmo que escapa ao mapeamento anátomo-fisiológico conhecido até então. Essa nova geografia introduzida nos primórdios com o auxílio das pacientes históricas, irá criar uma verdadeira revolução no campo da semiologia e subvertê-lo.

A hegemonia do modelo biológico conhecido até então, que continua logicamente vigente mas que não retrata mais a totalidade sobre o saber do corpo, irá alimentar a concepção insuficiente do discurso dentro do campo da educação em saúde. O corpo humano recém *descoberto* com sua nova territorialidade oferece também um novo rumo quanto àquilo que se interroga. A linguagem de um segmento corporal – seja um estado de excitação ou de irritação, um prurido, um sofrimento ou ainda, dentro no nosso tema, uma produção de marca ou sinal – é agora referência para uma verdade própria, subjetiva, singular àquele corpo e só àquele. Revela tal linguagem a possibilidade de um não dito ser dito, de um secreto possuir o direito de existir e se manifestar.

Então com nossa lógica se deslocando do corpo anatomia para o corpo representacional, os sintomas (as marcas), ganham um sentido no interior daquilo que passamos a chamar **imagem do corpo**, imagem que fazemos do nosso corpo: *um braço tatuado, um pescoço cortado, um rosto queimado* não é apenas um braço tatuado, um pescoço cortado, um rosto queimado, mas também e sobretudo, significantes que se incrustam no mais profundo da alma.

Com a brusca mudança de rota no raciocínio clínico (do inclinar-se) se abriu uma oportunidade ímpar para o educador ou agente de saúde, para inclinar-se sobre o sujeito, debruçar-se para saber do outro através de sua marca algo até então impossível de se saber. Ela não será apenas o registro de uma marca que atesta uma filiação a determinado grupo social ou cultural, de uma inscrição numa determinada sociedade ou confraria. Ela também será algo que diz respeito àquele sujeito e só àquele. O cupido com sua metralhadora, espécie de anjo caído, não remete apenas a um adereço de moda, a um possível registro genérico institucional e social que pode encontrar, como de costume, soluções normativas, Não pode ser pensada somente como resultado de um pacto de sangue, com deus ou com o diabo. Ela também será uma obra prima, e como obra prima

deverá merecer toda a nossa reverência. É a marca do José, do João ou de Maria, não a da criança, muito menos a do menor. É a marca mais de um jovem do que de uma juventude. É a memória de uma pele que reveste uma alma e que, por sua vez, por ela é revestida, estrada de mão e contramão. A marca imprime a alma seu significado ao mesmo tempo que se fez desenhada por essa própria alma. Memória de uma pele, memória de uma alma, elo embrionário incapaz de com o tempo ser rompido, muito menos corrompido. Esse o compromisso de uma ética de raiz que deve repousar na alma de quem cuida. O entendimento, como veremos adiante, passa pelo intersubjetivo entre educador e educando, entre o cura e paciente; intersubjetivo que prefiro chamar **interanímico**. Quando a marca se situa no plano da representação, do simbólico, seria, por meio de um processo interanímico, passível de ser examinada e cuidada.

Quando Freud registra que a clínica não é necessariamente um instrumento para descobrir uma verdade desconhecida, mas também uma maneira de dispor o já adquirido, nos provoca a tarefa de um outro olhar para poder ver e abrir com isso espaço para que surja tudo aquilo que ainda não adquiriu sentido, que ainda não possui palavra que o revele. Revelar o que se pronuncia em silêncio por meio de outros sinais, de outras **marcas** onde exista uma suposta inscrição.

Freud de início percebeu que o silêncio dos pacientes girava em torno da vida sexual, fato que o levaria a tentar entender como o sexual caminha do plano fisiológico para o representado recém descoberto. Colocaria a sexualidade numa outra dimensão, a do campo da representação, onde deve se inserir para sua realização. (cf. Sherrine, 50). Estamos aqui nas franjas de um outro conceito gigante, o *desejo* com seu corolário prazer/desprazer.

A vinculação corpo biológico/corpo representação através da sexualidade irá constituir o **corpo erógeno**, corpo a ser decifrado. Nesta sexualidade, reguladora da economia do prazer, da dor e das marcas, se adentra no mundo das fantasias que caracterizam esse corpo erógeno sempre articulado ao corpo vivente. (cf. Sherrine, 73). Então: as **marcas** apresentam uma lógica interna que não se reduz a qualquer causa, seja de ordem biológica ou social. Não cabe o reducionismo de “classificar” a marca/prazer/sofrimento (ideologização pedagógica) e sim reconstituir o subjetivo/anímico da verdade dessa marca/prazer/sofrimento. As marcas não se constituem por acaso e falam de um simbólico sempre singular de cada um.

2) – As marcas e o corpo erógeno

As **marcas** produzidas no corpo biológico sob a imagem do *corpo erógeno*, estão incrustadas num tempo da história do sujeito (*corpo representação*), e buscam expressão (satisfação/descarga) em qualquer outro tempo da sua história futura.

Tomando o conceito de *Libido* como de uma energia corpo-anímica organizada sob a forma de pulsões, constata-se que *ela* não se distribui de modo igual pelo corpo libidinal. Se concentram, de acordo com a natureza e experiências do vivente, em alguns órgãos, segmentos ou **marcas**. Ao mesmo tempo a alma vai se constituindo pelo registro das diversas marcas dessas pulsões carreadoras da libido. O nascimento, estado incapaz de qualquer domínio representacional, pode ser pensado como uma marca de dimensões traumáticas⁸. Então: a marca só passa a ser traumática quando se situar num espaço psíquico esvaziado de representação e, por isso mesmo, incapaz de significá-la.

Qualquer região do corpo erógeno (segmento, parte, marca) pode expelir sexualidade, escapando sempre a qualquer lógica totalizante. O corpo erógeno é parcialidade, dispersão constante, corpo deslocável, traçado por uma singularidade radical, irreduzível tanto ao orgânico quanto ao registro simbólico. E o valor dessa constatação é o de poder valorar a parcialidade em si. Haverá sempre um inassimilável a qualquer registro, uma sobra. (cf. Sherrine, 93).

A **marca-erógena** polimorfa pode requerer a presença ordenadora do outro afim de realizar o incessante trabalho de significá-la, como pode ficar como um resto inapreensível, de destino incerto, marca de um vir a ser ou de permanecer irreduzível a qualquer realidade⁹.

⁸ Cabe aqui uma pequena digressão: o nascimento⁸ pode, nesses termos, ser pensado como uma marca brutal. A alma (eu) da criança nos primórdios de sua constituição já estaria submetida a uma enorme e desproporcional pressão do seu caldeirão pulsional que já emana de seu pequeno corpo, eu incapaz de qualquer domínio representacional. Estamos diante de uma experiência (marca) traumática originária. Esse desamparo primitivo, essa carência absoluta, registram nossa necessidade de um outro como sustentáculo e tradutor dessa pulsionalidade polimorfa. É um outro que fecha o circuito pulsional e garante a sobrevivência. O choro por um outro, o berro de socorro, podem ser pensados como um ato de demandar um educador. E quando em resposta se dá uma atenção devotada, essa torna-se o modelo cambiante e multifacetado mais precioso do papel do educador. Esse encontro, quando possível, marca o paradigma de uma função educativa originária. Um corpo primeira morada do outro-mãe até poder lidar com o corpo erógeno próprio. Nasce aí a figura do outro-intérprete, modelo do *cura*, do *educador*.

⁹ Inapreensível que pode permanecer como pulsão perversa, dar origem a sintomas neuróticos, abrir uma psicose como que também poderá ingressar na trilha viciada da compulsão a repetição da pulsão de morte. Então: *“este corpo erógeno, que permanentemente desestabiliza o corpo representado, é irreduzível a qualquer realidade que pretenda fixá-lo, não sendo meramente informativo e nem representacional. As pulsões, sempre parciais, sempre fragmentadas, nunca se fundem completamente*

A **marca-erógena**¹⁰ suscita sobretudo o trabalho da análise, da educação diferenciada porque é a ressonância das intensas e contínuas metamorfoses desse corpo criança, das suas experiências originárias. Marca que não permanece imutável, sujeita que está aos novos encontros e acontecimentos que envolvem os outros possíveis (é vista por alguém que a vê).

É trabalho do psicanalista, do educador, do cura, ir para a infância desse corpo-erógeno, se acercar de suas marcas de fronteira, onde não se tem isso ou aquilo, mas algo que está sempre a nascer, a surgir. Estar diante daquilo que é, ainda, irreduzível à ordem da linguagem. Inapreensível pelo pensamento histórico e que trafega fora da dimensão da cultura. Mas que podem pelas leis de transformação de marcas erógenas polimorfas desaguarem nas grandes produções do espírito humano.

Aí entre em cena outro grande conceito, o de *narcisismo* que pode ser de vida ou de morte.

3) – As marcas e o corpo narcísico

Como foi visto o corpo erógeno formulado por Freud não é uma unidade, mas fragmentos. Não busca a completude mas dissolve-se nos gozos parciais, é em resumo, o corpo da sexualidade infantil.

Entramos aqui num momento seguinte da organização do sujeito onde o conjunto pulsional disperso irá se unificar na estruturação de um **eu**, pela introdução do *narcisismo* que retrata um voltar-se do investimento libidinal para a imagem do próprio sujeito. A erogeneidade como propriedade geral do corpo, presente no interior dos órgãos, das partes, das marcas, passaria também a circular no eu.

Freud irá assinalar que **“o eu é sobretudo corporal”**. É o **eu-corpo**, não só um ser de superfície como também a projeção de uma superfície. Temos num primeiro instante um eu que se confunde com o todo corpo,

numa resultante dita “normal”. Sempre há um resto, e não se pode decidir sobre o que este resto se tornará”.(Sherrine,99)

¹⁰ Quero pensar aqui a **marca-erógena**, parte, fragmento, inapreensível, desdobrada em **marca-pulsional** – marca *fonte(soma)*, marca *pressão(força, motor)* onde há um *fazer*, uma insistência, um vir a ser buscando se inscrever em vários desejos/objetos perpassados por várias fantasias – e **marca-desejante** – marca *finalidade (alvo)*, marca *objeto(coisa dentro/ fora, eu/outro, onde há um saber)*. Enquanto a marca-pulsional está determinada pela ação, pela afirmação contínua de si mesmo, a marca-desejante está determinada pelo saber, pelo que pressupõe os outros. Um fazer e um saber descontínuos e diferenciados que se encontram. (cf. Sherrine, 100)

num segundo, um eu que começa a se diferenciar, a surgir como imagem desse todo corpóreo.

Então, pensando nosso tema na dimensão do corpo narcísico eu diria que “**o eu é sobretudo a marca**”, é o **eu-marca**. Podemos pensar o eu aqui como a projeção de uma marca. A partir dessa inferência, desvalorizar ou subtrair uma marca é aqui expor o eu de quem a possui a essa desvalorização ou condená-lo ao desaparecimento. Nesse sentido a marca produzida pode ser a porta de entrada para se saber desse sujeito. Que valor dá o sujeito à sua marca? Qual o significado dela para ele?

Ainda dentro desse campo do corpo narcísico, é sabido que a idéia de unidade (o eu) é precipitada por uma imagem que o indivíduo adquire de si mesmo segundo o modelo do outro¹¹. Se define por uma identificação com a imagem de outrem, onde o sujeito vem a se reconhecer/dentro através desse outro/fora¹². Um estado em que não está ausente portanto toda e qualquer relação intersubjetiva (interanímica), pelo contrário, surge da interiorização dessa relação, cujo modelo maior é a do sujeito com as figuras dos pais. Aqui as marcas produzidas guardam relação com a marca de um outro. Sua marca remete a quem? a quê? A que marcas?

Partindo da formulação de que é o maciço investimento narcísico realizado pelas figuras parentais no corpo da criança que irá unificar a fragmentação auto-erótica e instaurar nela um *narcisismo/onipotência primária* (Sua Majestade o bebê); podemos pensar dois registros: a incidência de uma relação vital que gera enorme proteção e amparo sem a qual não se sobrevive e uma onde a interação falha, e a criança fica exposta a enormes frustrações e sujeita a inúmeros transtornos.

Dentro dessa ótica uma marca pode estar investida de alto conteúdo narcísico, e pode funcionar dando respaldo ao sujeito onde marca aponta para o social (narcisismo de vida), ou furtando-o do relacionamento com o outro, onde a marca é fechamento (narcisismo de morte). Temos os machucados “sem querer” da infância, as fantasias infantis de auto imolação e auto extermínio de variada gradação¹³. Temos as tatuagens culturais, como adereço ou modismo, mas também as que se tornam verdadeiras auto-pichações, resultantes do descontentamento com a auto-imagem. Temos as cirurgias plásticas como uma busca razoável do belo,

¹¹ A psicanálise modifica o modo habitual de se conceber a identificação, mostra que a identificação se dá no espaço psíquico de um único e mesmo indivíduo. (cf. Sherrine,135)

¹² Podemos pensar o desenvolvimento do sujeito a partir do narcisismo de vida através da imagem do outro pensada como o reflexo no espelho de si mesmo. Num primeiro momento você se vê, num segundo é capaz de vê-lo (espelho) sem se ver.

¹³ Que irão depender da intensidade das correntes masoquistas operando no eu.

de uma estética, mas também abusivas procurando mudar uma imagem inconsciente depreciada que jamais irá mudar. O exemplo plástico/químico do pop star Michael Jackson.

4) – As marcas e o corpo pulsão de morte

O corpo pulsão de morte seria mais uma das possíveis leituras do corpo feitas pela psicanálise que desmontaram a concepção organicista anterior. Freud irá notar que o que interessa a pulsão nem sempre interessa ao eu ou coincide com seus interesses, e indo *mais além*, chega mesmo em determinadas circunstâncias atacar a integridade desse eu.

Isso demonstra que um pretendido reinado soberano do eu não é factível, pois a corporeidade insiste e acusa que não há linguagem possível sem a contundente presença do libidinal. Portanto não há uma verdadeira vivência interanímica sem a presença das pulsões, onde o Outro ressurgue sempre no pulsional do corpo.

Essa realidade da presença corporal mesmo com o aparelho psíquico formado coloca para o sujeito que haverá sempre uma lugar da ausência de representação na alma, o que irá produzir a inevitabilidade da repetição, uma verdadeira *compulsão à repetição*, presença ruidosa do trabalho silencioso da pulsão de morte. Pulsão que tem para Freud poder suficiente para superar o princípio do prazer e conferir um “*caráter demoníaco*” à alma. Compulsão à repetir que busca liquidar um *quantum* transbordante que se *re/a/presenta*¹⁴, até encontrar sua significação numa ordem simbólica. Estamos diante de um apelo em que “*uma experiência que deixou marcas se inscreva*” (cf. Sherrine, 138).

Nesse quadro psíquico modificado onde aparecem as marcas de experiências que não foram ainda inscritas, frutos de um excesso pulsional, o fator econômico passa a ter um lugar precioso para a psique (cf. Sherrine, 140).

Essa economia irá guardar uma relação estreita com o que conhecemos como *traumatismo* (dor em grande escala) e *dor* (de extensão mais limitada), dor que chega a se denominada por Freud de *pseudopulsão*, e que nos diz que quando há dor corporal ocorre uma concentração de investimento na representação da parte do corpo em questão (dor psíquica), ou não (dor corporal não representada).

¹⁴ Se reapresenta porque não se representa.

Essas leituras são importantes para entendermos o destino da produção de determinadas **marcas**, em especial das **mutilações**. Estão essas marcas-dor situadas no espaço da representação? Possuem registro psíquico? Ou por outro lado são irreduzíveis e possuem àquele caráter demoníaco que nos fala Freud? Estariam retratando algo da história dolorida do sujeito ou situadas no barco da compulsão à repetir exemplarmente encarnada nos repetidos traumas auto infringidos?

Quero chamar a atenção nesse momento para o potencial de destrutividade que surge em determinados fenômenos da vida corpórea, em que o traumático regido pela pulsão de morte não está no que o sujeito vive de modo intenso, mas no fato de experimentá-lo na escuridão representacional. Instantes em que no externo dos limites de nossa psique somos incógnitos a nós mesmos, navegando zonas abissais. Nada do que se passou ressoou num outro, portanto, nada ressoou em nós. Temos além de um afeto envolvido em mortífero silêncio, um inacabado, ignorado de nós mesmos. Daí a importância pedagógica de se acolher o eu-corpo com suas novas expressões desconhecidas até então. (cf. Sherrine, 150)

As **marcas** produzidas no corpo pulsão de morte nessas circunstâncias não tem memória, se refazem compulsivamente num eterno repetir. Aqui podemos pensar os ferimentos auto infringidos, as mutilações de variados graus que vão desde deteriorações, destruições parciais até amputações de membros ou partes do corpo. Podemos citar aqui também as cirurgias plásticas deformantes (por ser excessivas, exageradas ou resultado de restaurações inábeis) ou mesmo as cirurgias desnecessárias, frutos da conhecida *Síndrome de Münchhausen*, onde um médico sádico encontra um paciente masoquista, e embarcam num projeto mentiroso de cura.

Quando Freud põe ao lado da psicanálise, a educação como uma das profissões impossíveis, já reconhecia que algo no registro do corpo se contrapõe à completa absorção do sujeito pelo Outro, pelas regras sociais, pela linguagem. (cf. Sherrine, 148)

Enquanto muitos de nós nos furtamos da repetição, outros precisam percorrer repetidamente o traçado de seu corpo para se “certificarem” que vivem, sobretudo por vontade própria e não pelo “arbítrio” de um outro. Na experiência da sobrevivência procura provar que está vivo se expondo à morte. O que Zaltman chama experiência-limite¹⁵. Ora, o caminho vital seria outro, pois para resistir à morte seria necessário antes de mais nada reconhecer sua presença nas suas **marcas** silenciosas(cf. Sherrine, 162).

¹⁵ Zaltman, N 1994. *A pulsão anarquista*. São Paulo: Escuta.

Ao entender que a pulsão de morte opera em silêncio, que não deseja ser dita ou escrita, é preciso perceber que o silêncio é às vezes interrompido por um alerta, uma **marca**. (cf. Sherrine, 161)

Então a questão que se apresenta é como lidar com experiências que não se inserem no simbólico e, em consequência se repetem até encontrar uma ordenação no espaço da representação?¹⁶ (cf. Sherrine, 149)

5) – Transformação do corpo pulsão de morte em corpo plural – As marcas cuidadas.

Uma das lições que podemos extrair da psicanálise é a de ter percebido que só é possível dominar de modo mais efetivo as pulsões agressivas – missão essencial da educação – pagando o tributo de não nos afastarmos delas alienados por um ideal moralista, afinal, a pulsão de morte não surge do nada. Possui apoio das funções vitais e mantém vínculos estreitos com as pulsões de vida (libidinais).

Então, como se fosse um paradoxo, a pulsão de morte é quem introduz o novo (a vida) à alma, tornando-se essencial para nos mantermos vivos, pois é ela que constitui a possibilidade do laço duradouro sob a possibilidade da dissolução iminente. Ao levar as fantasias narcísicas¹⁷ onipotentes de perenidade, de fixidez, de identidade única à morte, possibilita a transformação do caos pulsional em infindáveis novas ordens, defendendo o processo de criação. Nesse aspecto a pulsão de morte é sinal de vida, de parturição. Inserida na vida psíquica se liberta do estatuto reduzido do corpo erógeno e narcísico para descobrir-se no corpo plural aberto as novas configurações. O sujeito passa a existir íntegro mesmo na falta (na morte), é na realidade todas essas possibilidades a se configurar, todos àqueles dentro dele que nascem dos sucessivos relacionamentos. (cf. Sherrine, 163)

O *corpo pulsão de morte* agora também *corpo representado* ao mobilizar as forças do *corpo erógeno* e do *corpo narcísico* em direção ao Outro transforma-se em *corpo plural* que remete à pluralidade da vida

¹⁶ Tentar voltar as origens não seria um mal começo, pois como já foi visto o sentido vital que se faz por meio da leitura do outro dos nossos começos, ordenando nossa pulsionalidade e inscrevendo-a no mundo simbólico. O sujeito se desenvolve desde a percepção das suas pulsões até seu ordenamento pela mediação do outro. No entanto o sujeito não é estático, e como a pressão pulsional é constante, não pode fixar-se numa imagem imutável de si. O dever do cura, do educador é o de ficar aberto para as moções pulsionais que num contínuo devir, irão se transformando para incluir possibilidades pulsionais sempre diversas e novas. A verdade não sendo um preexistente a ser descoberto, mas criado na dimensão da relação interanímica. Nos aproximamos do filósofo Hegel que pressentia que tínhamos que fabricar a verdade. (cf. Sherrine, 155)

¹⁷ Que morrem porque não se querem mortas (cf. Sherrine, 167)

pulsional que constitui o sujeito e à diversidade do mundo. Cada nova composição tempo (pulsão de morte)/espacial (pulsão de vida) que assinala o provisório no definitivo, ornamenta a metamorfose que é o mundo e seu maior modelo, o ser humano. Eu-corpo plural com fronteiras impermanentes num metamorfosear como corpo representado, corpo erógeno, corpo narcísico, corpo pulsão de morte formando uma enorme confluência de vida.

Por tanto, na própria **marca** produzida como indagação encontraremos as respostas, quando essa marca puder tornar-se no singular do sujeito, o campo plural de aprendizado por onde o Outro entra.

DE UM OLHAR SEM VER evolui-se PARA UM OLHAR E VER até que se possa alcançar um VER SEM OLHAR natural.

Tais **marcas** precisam estar inscritas no campo de representações do sujeito, se constituírem também como **traços** mnêmicos, integrarem a memória da sua pele, pois: *AS COISAS NÃO SÃO COMO AS VEMOS MAS COMO AS RECORDAMOS.*

C – Crítica pedagógico-psicanalítica

Se essa pluralidade aumenta nossas possibilidades de educabilidade, é contrária a uniformidade no que diz respeito a educação no campo da saúde. (cf. Sherrine 1995,22-23). O homem pensado como ente genérico¹⁸, sujeito subtraído, é uma injúria à saúde, pois o corpo pulsional aponta a necessidade de se atender as exigências de nossas singularidades onde não há necessidades definidas para o bem estar.

A psicanálise mostra-nos uma maneira de educar-nos fora do saber constituído, que inclui a educação do corpo, no corpo, em nome do corpo numa relação com o outro em seu corpo. Portanto uma das tarefas mais urgentes da educação atual seria a quebra do monopólio dos “especialistas” e de suas “instituições especializadas”.

O reino das subjetividades, da singularidade do sujeito e do seu corpo, não tolera as soluções normativas que ferem sua verdade.

O frenesi de normalizar, de enquadrar, disciplinar, carro chefe da Pedagogia das explicações, anula o lugar do educador como sujeito singular no ato educativo, e acaba por criar ou eleger os detentores impessoais do discurso da educação. As experiências

¹⁸ idade, raça, sexo, religião, escolaridade, profissão, nível social, etc.

interanímicas/intercorpóreas do ato de educar/tratar são depreciadas e condenadas ao desaparecimento¹⁹.

Elabora-se uma insolvente cartilha de verdades sobre o corpo e a responsabilidade pelo fracasso é depositada sobre a sociedade, as instituições, a política pública de saúde e educação, quando não no paciente/interno/educando. Uma espécie de institucionalização da vitimologia²⁰, onde a própria vítima é a principal culpada pelo que sente. Suas queixas consideradas “vazias” e “destituídas de sentido” a dor marcada no seu corpo. Essa cultura sanitária e biopedagógica, cultura do artefato, é a cultura do sujeito apagado. A pedagogia sob as bênçãos dessa famigerada modernidade torna-se formal e reduz-se a uma *“teoria geral do ensino”*. Ensino sobre o ensino onde o que menos importa é o conteúdo. (cf. Sherrine,)

Tem-se a falência do educador decretada, sobretudo no campo da saúde, quando não há mais tempo e lugar para o interanímico na relação de educar. O educador afastado de sua própria subjetividade, de sua pulsionalidade, se torna presa fácil de seu narcisismo e não celebra o outro. Não pode encarnar a pedagogia como esse partir para o desconhecido, se dirigir para o corpo-pulsão que se antepõe as certezas, ouvir o que os postulados não dizem, envolvido que está pelo saber imposto da norma, pelo preconceito pedagógico. Banaliza o corpo e suas marcas apoiados em tradições cientificistas.

É preciso que o cura, o analista, apurem sua percepção, se desprendam de suas demandas narcísicas, pois não há mais lugar para a hegemonia do intérprete nem para àqueles que tomam o paciente, o educando, o interno como propriedade privada. (cf. Sherrine, 155)

O que precisamos é nos colocar no lugar de *“eterno aprendiz”* para aprendermos a reconhecer a linguística criadora do corpo pulsional e de suas **marcas**. Como nos diz a autora: *“esta é uma grande dificuldade, pois trata-se de uma sensibilidade que, em larga medida, perdemos. Exige-se de nós ouvir e sentir os recursos do sentido que atuam por baixo da pele, a estrutura nervosa e óssea por baixo do verso e da frase, por baixo das relações espaciais e cromáticas da tela, ouvir as relações de tom e frequência que formam a gramática dos nossos ritmos, arco-íris corporal.”*.(cf. Sherrine, 156)

Pedro Paulo Vellozo Alonso Azevedo

¹⁹ É aqui que vejo com receio e ceticismo o projeto do ensino à distância (o outro bem à distância mesmo) onde o cognitivo do discurso é defendido enquanto elimina-se o emocional da relação interanímica. Ausência de corpos devidamente substituídos pelos Hardware dos computadores.

²⁰ Espécie de institucionalização da pulsão de morte.

O CORPO: As marcas no contexto socioeducativo
Mesa de debate: A juventude e a Memória da Pele:
Uma investigação sobre a produção de marcas
UERJ: Centro Cultural / Teatro Noel Rosa
Rio de Janeiro)9 de maio de 2002